



EMISSÃO COMEMORATIVA DO II CENTENÁRIO DA IMPRENSA NACIONAL

A História bi-secular da Imprensa Nacional de Lisboa representa um capítulo de ouro na História Maravilhosa da Imprensa em Portugal. Se, por virtude dos primeiros impressores, a Alemanha e a História da Cultura ficavam para sempre indissolúvelmente ligadas às Artes Gráficas em toda a Europa, seria por virtude de Portugal que o resto do Mundo então conhecido receberia, não só o conhecimento da civilização do Ocidente, mas ainda a revelação da Imprensa, como elemento preponderante na vida do espírito, pela cultura da inteligência; e na vida do corpo, pela aquisição dos progressos da vida material.

Foram os portugueses quem, embarcando pela primeira vez uma tipografia, a fizeram sulcar os mares a caminho da Abissínia, onde desembarcaram as primeiras obras impressas. E depois de a instalarem na Índia, montaram na China o primeiro prelo de tipos móveis, e revelaram ao Japão a novidade da sua primeira imprensa.

Com as suas imprimeiras iam apoiando por todo o Oriente a grande Cruzada portuguesa da civilização ocidental, multiplicando as fontes da cultura religiosa, literária e científica, entre as velhas raças da face asiática do Mundo. E para isso, não se limitando a imprimir em caracteres latinos, os impressores da grande missão lusitana fundiram no Oriente os primeiros caracteres exóticos, literais e hieroglíficos, enquanto compunham os primeiros Dicionários e Gramáticas das várias línguas da Índia, Insulíndia, Indo-China e Japão.

Porém na própria Europa havíamos já enfileirado entre os Pioneiros. Se a exiguidade das nossas primeiras imprimeiras não deixou subsistir senão raros dos primeiros incunábulo, — alguns porventura ainda tabulares — no tempo de Afonso V, não deixam contudo de existir provas indirectas mas irrefragáveis da sua existência anterior às impressões hebraicas (V. «Da famosa Arte da Imprimeira»).

Enquanto que em França, no tempo de Luis XI, o Parlamento, e depois o Síndico de Sorbone proibiam o uso da Imprensa, condenando-a como obra diabólica, e em Itália o célebre impressor veneziano Aldo Manuccio se via obrigado a justificar-se em público da acusação de ter pacto com o Diabo, os Reis Portugueses consideravam-na obra digna das bênçãos de Deus e do apreço dos homens. E em 1515 D. Manuel agraciava os impressores com todas as liberdades, privilégios e honras dos Cavaleiros da Casa Real!

Constituindo, durante vários séculos, indústria inteiramente particular, era no Séc. XVIII elevada à categoria de indústria do Estado. Iniciava-se porém com uma característica excepcional no fomento industrial da Nação, pois constituía um investimento que, longe de ter em vista fins materialmente lucrativos, visava apenas um rendimento de ordem espiritual. Mercúrio cedia o lugar a Minerva!

Efectivamente a «Impressão Régia», primeiro título da Imprensa Nacional, nascia como um complemento da Academia Real da História, fundada em 1720 pelo artista e magnânimo D. João V a quem a vida intelectual e artística do Séc. XVIII deve o mais diligente e inteligente impulso. É sob a sua égide que as artes gráficas da letra e do desenho atingem o mais alto grau de florescimento e progresso. Fundada embora pelo Marquês de Pombal em 1768, razão tiveram Norberto Araujo e Per.ª Mendes em ver no alvará da fundação a execução dum plano cuja criação pertencia de facto a D. João V e se integrava na da Academia Real da História.

Criada, como dissemos, mais pelo culto de Minerva que de Mercúrio, a nova Imprensa estabelecida com oficina de fundição de tipos, integrava logo de início uma Escola de Gravura, sob a direcção do notável gravador Carneiro da Silva, ao qual sucedia em 1802 um dos maiores senão o maior dos artistas mundiais da gravura desse tempo: — o Mestre florentino Bartolozzi! E pelo mesmo motivo se estabelecia, logo no início da fundação, um contrato com o Colégio dos Nobres, para a publicação, a preços privilegiados das obras científicas e literárias úteis à cultura nacional.

No ano de 1801 havia já publicados 1230 volumes entre os quais distinguimos os «Comentários de Albuquerque» em 1774, as «Décadas da Ásia» de João de Barros e Diogo do Couto, em 1771; a notável edição dos «Estatutos da Universidade de Coimbra», e a «Arte da Cavalaria» com 88 primorosas estampas de Carneiro da Silva.

Cumpre-nos salientar como bom sinal da orientação científica dada aos tipógrafos na boa tradição duma arte ao serviço da inteligência e da cultura, a obra publicada em 1804 pelo Director literário e Administrador Custódio J. de Oliv.ª, Prof. de Grego, sobre a «Diagnósis Typographica de Caracteres Gregos, Hebraicos e Arábicos [...] para melhor correcção e uso dos Compositores e Aprendizses». Com todos estes caracteres se trabalhava já na Imprensa, e para cultura dos compositores se lhes davam noções de teoria com os nomes, valores e pronúncia das letras e sinais diacríticos.

De 1801 a 1810 publicaram-se 331 livros, entre os quais, para continuidade da nossa tradição nas partes de Ásia e África, destacamos o «Dicionário da Língua Bunda» de Fr. Bernardo Cannacatin, e as Gramáticas das Línguas Indostânica e Marata.

A obra cultural continua, e a perícia dos nossos artistas conduz a uma perfeição atestada pelas numerosas Medalhas de ouro e prata, grands-prix, Diplomas e Prémios de Honra alcançados em diversas Exposições Internacionais e Universais, desde a primeira obida em Londres em 1862 às do Porto, em 1865, de Paris em 1867, Viena de Austria em 1873, Filadélfia em 1876, Paris em 1878, em 1880 e 1900, Nacional de 1913, de Leipzig em 1914, Sevilha em 1930, Paris em 1931 e Lisboa em 1932.

Américo Cortes Pinto.

Os selos, cujo desenho é da autoria do pintor José Pedro Roque, estão aqui reproduzidos na escala de 1:1, nas suas cores reais.

Têm as dimensões de 29,25 x 38 mm compreendendo a serrilha, com o denteado 12.

O carimbo e o desenho do sobrescrito do 1.º dia estão reproduzidos na escala de 1:1.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda e o plano de emissão é o seguinte:

1\$00	tiragem de 9 000 000	em folhas de 50 selos
2\$00	»	» 1 000 000 » » » »
8\$00	»	» 500 000 » » » »

Foi marcada a data de 14 de Maio de 1969 para o 1.º dia de circulação da nova emissão.

Os pedidos para a aposição do carimbo especial e a venda dos sobrescritos alusivos ao acontecimento filatélico, ao preço de 1\$50, devem ser endereçados até ao dia da emissão aos Serviços de Informações e Reclamações — R. S. José 20, Lisboa-2 — à Estação do Correio da Batalha, Porto — ou à Estação do Correio do Funchal, Madeira.

ÉMISSION COMMEMORATIVE DU IIÈME CENTENAIRE DE LA PRESSE NATIONALE

L'Histoire bis-séculaire de la Presse Nationale de Lisbonne représente un chapitre d'or dans l'Histoire Merveilleuse de la Presse au Portugal. Si, en vertu des premiers imprimeurs, l'Allemagne et l'Histoire de la Culture restent pour toujours indissolublement rattachées aux Arts Graphiques dans l'Europe entière, ce serait en vertu du Portugal que le reste du Monde, alors connu rec-vrait, non seulement la connaissance de la civilisation de l'Occident mais encore la révélation de la presse comme élément prépondérant dans la vie de l'esprit, par la culture de l'intelligence; dans la vie du corps, par l'acquisition du progrès de la vie matérielle.

Ce sont les protugais qui, embarquant pour la première fois une typographie, l'ont fait sillonner les mers en route vers l'Abyssinie où ils débarquèrent les premières œuvres imprimées. Après l'avoir installée en Inde, ils montèrent en Chine la première imprimerie à caractères meubles et révélèrent au Japon la nouveauté de leur première presse.

De par leurs impressions ils appuyèrent dans tout l'Orient la Grande Croisade Portugaise de la Civilisation Occidentale, multipliant les sources de la culture religieuse, littéraire et scientifique parmi les vieilles races de la face asiatique du Monde. Et, pour cela, ne se bornant à imprimer en caractères latins, les imprimeurs de la grande mission lusitane, fondèrent en Orient les premiers caractères exotiques, littéraires et hiéroglyphiques, tandis qu'ils composaient les premiers dictionnaires et grammaires des diverses langues de l'Inde, Insulinde, Indochine et Japon.

Mais, en Europe, elle-même, nous étions déjà alignés parmi les Pionniers. Si l'exiguité de nos premières imprimures ne laissa subsister que quelques rares premiers incunables, quelques-uns, peut-être, encore tabulaires — au temps d'Afonso V, cependant, il continue à exister des preuves indirectes, quoique irréfutables, de son existence antérieure aux empreintes hébraïques (V. «Da Famosa Arte da Imprimissão»).

Tandis qu'en France, au temps de Louis XI, le Parlement, et puis le Syndic de la Sorbonne, interdisaient l'usage de la presse, la condamnant comme œuvre diabolique, et, en Italie, le célèbre imprimeur vénitien Aldo Manuccio se voyait contraint à se justifier publiquement de l'accusation de faire un pacte avec le Diable, les Rois Portugais la considéraient une œuvre digne des bénédictions de Dieu et de l'estime des hommes. En 1515 D. Manuel accordait aux imprimeurs toutes les libertés, privilèges, et honneurs des Chevaliers de la Maison Royale.

Constituant pendant plusieurs siècles une industrie tout à fait particulière, elle fut élevée, au XVIII^{ème} siècle, à la catégorie d'Industrie de l'Etat. Elle s'initiait, cependant, avec une caractéristique exceptionnelle, dans le développement industriel de la Nation car elle constituait un investissement qui, loin de viser des buts matériellement lucratifs, ne prétendait qu'un revenu d'ordre spirituel. Mercure cédait sa place à Minerve.

En effet, «l'Empreinte Royale», premier titre de la Presse Nationale, naît comme un complément de l'Académie Royale d'Histoire, fondée en 1720 par l'artiste et magnanime D. João V, à qui la vie intellectuelle et artistique du XVIII^{ème} siècle doit la plus diligente et intelligente impulsion. C'est sous son égide que les arts graphiques de l'écriture et du dessin atteignent le plus haut degré de développement et de progrès. Bien une fondée par le Marquis de Pombal, en 1768, Norberto Araújo et Pereira Mendes ont eu raison de voir dans l'édit de la fondation, l'exécution d'un plan dont la création appartenait, en fait, à D. João V et s'intégrait dans celui de «l'Academia Real de História».

Créée, comme nous l'avons dit, plus pour le culte de Minerve que pour celui de Mercure, la nouvelle imprimerie établie avec une usine de fonte de types, intégrait, dès son début, une Ecole de Gravure sous la direction du fameux graveur Carneiro da Silva à qui succédait, en 1802, l'un des plus grands, sinon le majeur des artistes mondiaux de ce temps: — le Maître florentin Bartolozzi. Et, pour le même motif l'on établissait, dès le commencement, un contrat avec le «Colégio dos Nobres», pour la publication, à des prix privilégiés, des ouvrages scientifiques et littéraires les plus utiles à la Culture Nationale.

L'an 1801, il y avait déjà 1230 volumes publiés parmi lesquels nous distinguons les «Comentário de Albuquerque», en 1774, les «Décadas da Ásia», par João de Barros et Diogo do Couto, en 1778, la remarquable édition des «Estatutos da Universidade de Coimbra» et l'«Arte de Cavalaria» avec 88 excellentes gravures, par Carneiro da Silva.

C'est à nous de souligner comme un bon signe de l'orientation scientifique donné aux typographes dans la bonne tradition d'un art au service de l'intelligence et de la Culture, l'œuvre publiée en 1804 par le Directeur littéraire et Administrateur Custódio J. de Oliveira, professeur de Grec, sur la «Diagnósis Typographica de Caracteres Gregos, Hebraicos e Arabicos [...] para melhor correção dos Compositores e Aprendizues». L'on travaillait déjà avec tous les caractères dans la presse, et pour la culture des compositeurs on leur donnait des notions de théorie avec les noms, les valeurs et la prononciation des écritures et des signaux diacritiques.

De 1801 à 1810, l'on publia 331 livres parmi lesquels, pour la continuité de notre tradition dans les parties de l'Asie et l'Afrique, nous détachons: le «Dictionnaire de la Langue Bunda», par Fr. Bernardo Cannacatim, et les «Grammaires des Langues Hindoostaniques et Marata».

L'œuvre culturelle et l'adresse de nos artisans conduit à une perfection attestée par les nombreuses Médailles d'or et d'argent, Grands-prix, Diplômes et Prix d'Honneur gagnés en diverses Expositions Internationales et Universelles, dès la première conquise à Londres, en 1862, à ceux de Porto, en 1865, Paris, en 1867, à Vienne, en 1873, à Philadelphie, en 1876, à Paris, en 1878, 1880 et 1900, Nationale, en 1913, à Leipzig, en 1914, à Séville, en 1930, à Paris, en 1931 et à Lisbonne, en 1932.

Américo Cortes Pinto

Les timbres, dont le dessin est du peintre José Pedro Roque, sont reproduits en leurs couleurs naturelles à l'échelle de 1:1.

Les dimensions sont de: 29,25 x 38 mm, dent. 12.

Le cachet et le dessin du 1^{er} jour sont reproduits à l'échelle de 1:1.

Ces timbres ont été imprimés, en «off-sets», à l'imprimerie de la «Maison de la Monnaie» et le tirage est de:

9 000.000	timbres de 1\$00	en feuilles de 50 timbres
1.000.000	» » 2\$00	» » » » »
500.000	» » 8\$00	» » » » »

Cette émission sera mise en vente le 14 Mai 1969.

Un timbre spécial sera apposé sur la correspondance, reçue jusqu'à la date ci-dessus mentionnée et des enveloppes, se référant à cette émission, seront vendues au prix de 1\$50 chacune.

Les commandes devront être adressées, jusqu'au jour de la date de l'émission, aux: Serviços de Informações e Reclamações — R. S. José 20, Lisboa-2, Estação do Correio da Batalha, Porto, ou Estação do Correio do Funchal (Madeira).

Traduit par Hélène Zipine

COMMEMORATIVE ISSUE FOR THE SECOND CENTENARY OF THE NATIONAL PRESS

The two hundred years of existence of the National Press is a golden chapter in the history of printing in Portugal. If, by virtue of the first printers, Germany and the Graphic Arts are for ever linked in the History of Culture, Portugal was responsible for the spread of Western civilization and culture — and the introduction of printing, with its spiritual and material advantages — to the rest of the world then known.

The Portuguese were the first to ship a press to Abyssinia, where they left the first printed works, and, having later installed it in India and China, introduced the new process into Japan. These early works of printing helped the great Portuguese Crusade in the East, by disseminating the religious, literary and scientific cultures of the West. To this end, the first exotic types and hieroglyphs were locally cast, as the first dictionaries and grammars were composed in the native Eastern languages.

In the meantime, in Europe, Portugal was among the pioneers and, if the limited editions then produced have left few contemporary examples, from the reign of Afonso V, there is irrefutable proof of their existence in the treatise named «Of the Famous Art of Printing».

Whilst in France, during the reign of Louis XI, Parliament and the Sorbonne condemned Printing as the work of the Devil and the famous Italian printer, Aldo Manuccio, was forced to defend publicly the accusation of having a pact with the Devil, the Portuguese kings regarded printing as worthy of the blessing of God and the appreciation of Man. In 1515, King Manuel awarded the printers all the liberties, privileges and honours of the Knights of the Royal House.

Printing, which for several centuries had been a purely private industry, was elevated to the status of a State Industry in the XVIIIth Century. But its role was exceptionally important to the progress of the Nation, since it was intended not merely to produce material profits but as a long-term investment in terms of intellectual advancement: Minerva replacing Mercury.

In fact, the Royal Printing-House, which was the first title of the National Press, was born as a part of the Royal Academy of History, founded in 1720 by the magnanimous King João V, to whom the intellectual and artistic life of the XVIIIth Century owes so much, and under whose aegis the graphic arts reached a high pinnacle of development.

Thus, although founded in 1768 by the Marquis of Pombal, Norberto Araújo and Pereira Mendes are right to see, in its founding, the consummation of King João's plan.

Following the path laid down by its planner, the new Press, which was housed in a type-founding works, immediately created a School of Engraving under the direction of the notable engraver Carneiro da Silva, who was succeeded by a pre-eminent contemporary engraver: the Florentine Master Bartolozzi.

For the same reason, a contract was immediately signed with the College of Noblemen, for the publication, at special rates, of scientific and literary works of national importance.

By 1801, 1230 volumes had been published, amongst which were the «Commentaries of Albuquerque» in 1774; the «Decades of Asia» by João de Barros and Diogo Couto in 1778; the notable edition of the «Statutes of the University of Coimbra»; and the «Art of Horsemanship» with 88 charming illustrations by Carneiro da Silva. A further work, the «Typographical Analysis of Greek, Hebrew and Arabic Characters . . . for correct usage by Compositors and Apprentices» by the Professor of Greek and Administrator Custódio J. de Oliveira, is a good example of the scientific and cultural orientation of the Press at the time. All these characters were then in use at the Printing House and the book contained notions of theory as well as the correct pronounciation and usage for the letters and diacritical signs.

Between 1801 and 1810, 331 books were published, amongst them the «Dictionary of the Bunda Language» by Brother Bernardo Cannacatim and the «Grammars of the Hindustani and Marathi Languages».

The cultural work continues, and the skill of our artists is attested by the numerous gold and silver Medals, Grand Prix, Diplomas and Honours won at various International and World Exhibitions such as the first, won in London in 1862, as well as Porto in 1865, Paris in 1867, Vienna in 1873, Philadelphia in 1876, Paris in 1878, 1880 and 1900, National in 1913, Leipzig in 1914, Seville in 1930, Paris in 1931 and Lisbon in 1932.

Américo Cortes Pinto

The stamps, which were designed by the Portuguese painter José Pedro Roque, are here reproduced to scale 1=1, in actual colour.

The dimensions are: 29,25 x 38 mm, including serrated edge with perforation measuring 12.

The postmark and the design for the envelope for the first day of issue are reproduced in actual size.

Printing in off-set was carried out in the printing office of the Casa da Moeda (the Portuguese Mint) and the project for this issue is as follows: —

9,000,000	stamps of 1 escudo (1\$00)	in sheets of 50 stamps
1,000,000	stamps of 2 escudos (2\$00)	» » » » »
500,000	stamps of 8 escudos (8\$00)	» » » » »

The first day of circulation will be 14 May 1969.

Request for special postmarks and sale of envelopes commemorating this special philatelic event, at the price of 1\$50, should be made up to the day of issue to the Serviços de Informações e Reclamações, Rua de S. José 20, Lisbon 2, to Estação do Correio da Batalha, Oporto, or to the Estação do Correio do Funchal (Madeira).

Trans. V. Forman.